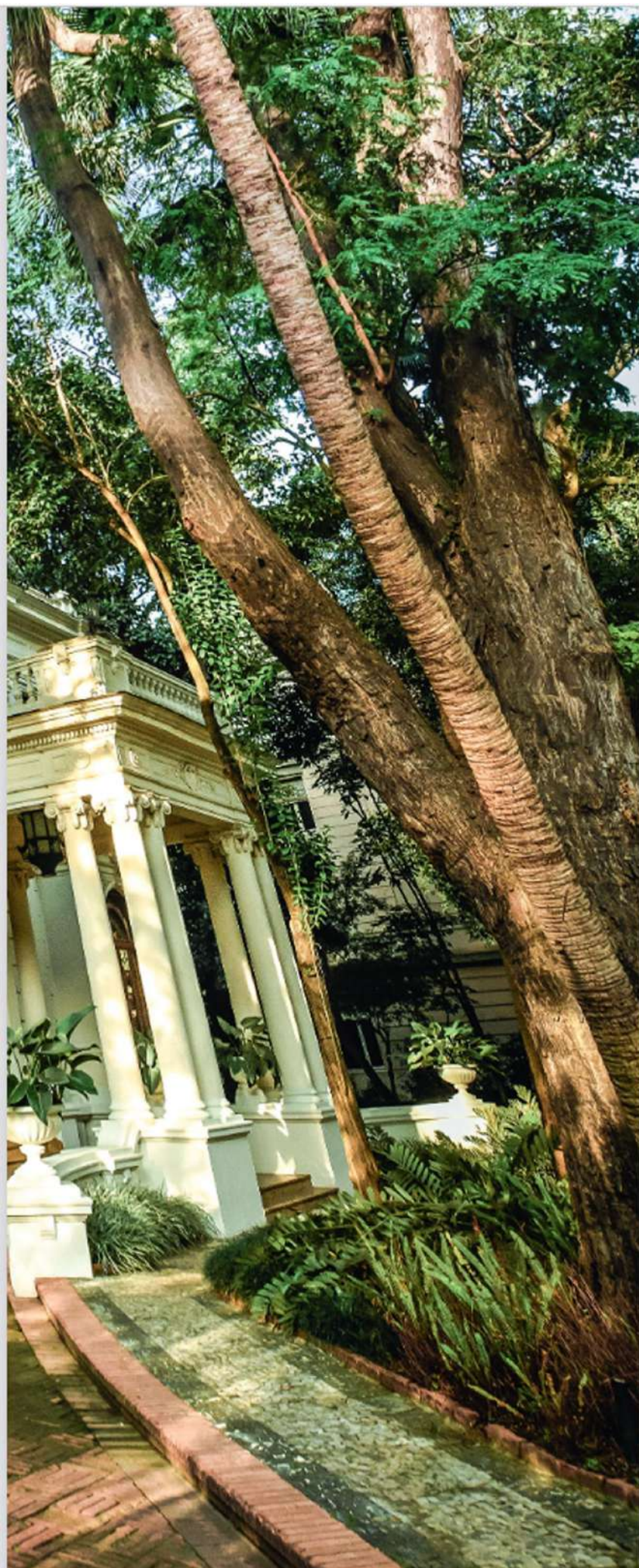




A entrada do imóvel:  
restauração privada de  
15 milhões de reais

Foto de capa: Alexandre Battibugli



# A VOLTA POR CIMA DO PALACETE

Ícone de Higienópolis, o Casarão Nhonhô Magalhães supera um passado marcado por lendas urbanas e pelo uso policial para reabrir em alto estilo **Pedro Carvalho**

**O** Casarão Nhonhô Magalhães será reaberto. Ou melhor: será, enfim, aberto. Um dos mais icônicos palacetes da época do café, instalado na esquina da Avenida Higienópolis com a Rua Albuquerque Lins desde 1937, o imóvel nunca recebeu visitantes de forma regular. Restaurado ao custo de 15 milhões de reais pelo Shopping Pátio Higienópolis, proprietário do espaço, ele passará a acolher eventos de marcas, casamentos, jantares, desfiles de moda, encontros culturais e outras reuniões para até 200 pessoas.

“Acredito que é o principal investimento privado em restauro de patrimônio já feito em São Paulo”, afirma Antônio Sarasá, responsável pela restauração, que também trabalhou na recuperação de endereços como a Sala São Paulo, a Pinacoteca e o Teatro São Pedro. “Não conheço outro restauro com o mesmo nível de sofisticação na cidade”, completa Marcos Mendonça, ex-secre-

ALEXANDRE BATTAGLIO

tário estadual de Cultura e atual diretor-geral do Museu da Imagem do Som (MIS).

Além de cara e minuciosa, foi uma empreitada longa. Teve início em 2009, época em que o palacete, um imóvel tombado pelos órgãos de patrimônio do estado e do município, tinha sido transformado em uma triste e burocrática repartição pública.

O Casarão, de 2.300 metros quadrados, começou a ser construído em 1930 por Carlos Leôncio de Magalhães, conhecido como Nhonhô — abreviação de “sinhô”, o apelido dos donos de terra na época da escravidão. Nascido em Araraquara e filho de fazendeiros, Nhonhô Magalhães encomendou o palacete para dar festas e jantares — o prédio vizinho, um imóvel de quatro andares atualmente ocupado por uma congregação católica, foi construído para acomodar os convidados. Morreu um ano após o início das obras, vítima de câncer. A viúva, Ernestina, mudou-se para a residência, onde viveu um novo drama: dois filhos morreram no local, um na banheira, o outro enforcado no lustre.

Cercado por lendas urbanas, o Casarão acabou vendido ao governo estadual em 1952. Em 1974, auge da ditadura militar, passou a abrigar a Secretaria de Segurança Pública. Seguiria ligado aos órgãos policiais — posteriormente como sede da Delegacia Antissequestro — até ser vendido ao Shopping Pátio Higienópolis, em 2005, por 19,5 milhões de reais. “Quando começamos o restauro, as paredes estavam todas pintadas de branco”, conta Sarasá (na foto à direita, ele mostra uma delas, que teve a pintura original restaurada após a retirada de sete camadas de tinta). “O chão de madeira original tinha sido coberto por carpete. Os janelões, retirados para dar lugar a aparelhos de ar-condicionado”, ele diz. No lado de fora, os antigos ocupantes também deixaram marcas. “Áreas de jardim estavam cimentadas para servir de estacionamento improvisado”, diz Isabel Duprat, responsável pelo novo paisagismo do imóvel e uma das mais respeitadas profissionais da área no país — e, também, parte da família do Casarão: uma das filhas de Nhonhô se casou com o irmão do avô da paisagista.



**“Não vamos  
topar qualquer  
aluguel, faremos  
uma curadoria.”**

Carlos Jereissati Filho,  
empresário do Grupo  
Iguatemi, gestor do Casarão



**“As paredes tinham sido  
cobertas com tinta branca.  
Cada centímetro da casa  
precisou ser restaurado.”**

Antônio Sarasá, restaurador



Parte de trás do Casarão, voltada ao shopping: integração

FOTOS ALEXANDRE BATTIBUZZI



A paisagista Isabel Duprat; à direita, o bar da entrada: sofisticação



Após treze anos em recuperação, o Casarão, que passa a se chamar Casa Higienópolis, ressurgiu de forma impecável. Basicamente, todas as estruturas à vista são originais: a porta de estilo mourisco, os vitrais que vão do clássico ao art déco, o anfiteatro com ares modernos, as portas e batentes de madeira entalhada, os azulejos ingleses e alemães dos banheiros, os pisos de madeira. “O desafio foi agregar o conforto do século XXI”, diz Luciana Teperman, responsável pela arquitetura do interior. “O ar-condicionado, por exemplo, ficou ‘escondido’ em estruturas parecidas com a madeira original”, ela conta. Na entrada, o novo bar (*acima*) tem balcão de mármore e paredes revestidas com folhas que contêm ouro. “O jardim ganhou pitangueiras, jabuticabeiras e outras espécies”, diz Isabel Duprat.



## CENAS DO RESTAURO

De cima para baixo, detalhes da recuperação iniciada em 2009: a tinta que cobria as paredes teve de ser retirada com solventes e bisturi; entalhes de madeira haviam sido pintados de preto; o chão original ganhou nova vida; os vitrais vão do clássico ao art déco; a fachada voltou ao aspecto antigo; e a parede do anfiteatro





Larissa e Mendonça,  
no Paço das Artes:  
uso por vinte anos

FOTOS ALEXANDRE BATTIBUGLI



O anfiteatro: flerte  
com o design moderno



Tanta sofisticação terá seu preço. Um evento no Casarão não sairá por menos de 40 000 reais — só pelo espaço. “Fizemos um evento teste da Gucci e um casamento. Não vamos topiar qualquer aluguel, haverá uma curadoria”, diz Carlos Jereissati Filho, empresário do Grupo Iguatemi, que faz a gestão do Pátio Higienópolis e detém 11,5% da propriedade do centro comercial.

Mas será possível aproveitar o Casarão — ou partes dele — fora dos eventos privados. Quando o governo vendeu o imóvel, em 2005, o edital previa que uma área fosse destinada ao uso público. Em 2020, o andar inferior passou a abrigar o Paço das Artes, um espaço de exposições gratuitas ligado ao MIS (*acima*) que ocupará o local por vinte anos. “É a primeira vez que temos uma casa fixa, o que vai ajudar a formar uma identidade para a instituição”, diz Larissa Souto, coordenadora de projetos do Paço, que já teve como lares provisórios o MIS e a USP.

Além disso, o Casarão integra as Jornadas do Patrimônio, passeios culturais da prefeitura. Será também o ponto de partida do ARQ TOUR, um roteiro que vai explorar a arquitetura de Higienópolis. “É um dos últimos casarões do bairro, porque surgiu após a quebra da bolsa de Nova York, que levou a uma crise do café. A partir dali, vieram os edifícios”, explica o arquiteto André Scarpa, que organiza os passeios.

E, quase um século depois, o palacete terá enfim as festas e jantares imaginados por Nhonhô. Feito para agradar a elite dos anos 1930, tem tudo para conquistar a nova aristocracia paulistana. ■